

cl. 278

A NATUREZA MEDICATRIX

NA

CURA DAS MOLESTIAS

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

PARA ACTO GRANDE

SEGUIDA DE NOVE PROPOSIÇÕES

APRESENTADA

A

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

PARA SER DEFENDIDA

SOB A PRESIDENCIA DO LENTE DA OITAVA CADEIRA

O EXC.^{mo} SNR.

ANTONIO FERREIRA DE MACEDO PINTO

PELO ALUMNO DO 3.^o ANNO

ANTONIO JOSÉ FERREIRA MARNOCO E SOUSA

Medicus curat morbos, natura sanat.
Hippoc.

PORTO
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
Rua da Cancellia Velha, 62

1868

IX/1-22 E1

Acta da Assembleia de 1868, pelas Mo-
das pa. manha.

Presidente - O Sr. Dr. Antonio Ferreira
de Moraes Pinto.

Procurador - Sr. Dr.

Antonio Ferreira Braga
Manoel Maria da Costa Leite
Arguente - Sr. João Xavier d'Almeida Braga
Joaquim Guilherme Gomes
Coelho

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

O Exc.^{mo} Snr. Conselheiro Dr. Francisco d'Assis Sousa Vaz, Lente Jubilado

SECRETARIO

O Ill.^{mo} Snr. Joaquim Guilherme Gomes Coelho

CORPO CATHEDRATICO

LENTES PROPRIETARIOS

Os Ill.^{mos} e Exc.^{mos} Snrs.

- | | |
|--|---|
| 1. ^a Cadeira — Anatomia descriptiva e geral. | João Pereira Dias Lebre. |
| 2. ^a Cadeira — Physiologia | Dr. José Carlos Lopes Junior. |
| 3. ^a Cadeira — Historia Natural dos Medicamentos. Materia Medica..... | João Xavier d'Oliveira Barros. |
| 4. ^a Cadeira — Pathologia geral, Pathologia externa e Therapeutica..... | Antonio Ferreira Braga. |
| 5. ^a Cadeira — Operações cirurgicas e apparatus, com Fracturas, Luxações e Hernias..... | Pedro Augusto Dias. |
| 6. ^a Cadeira — Partos, molestias das mulheres de parto e dos recém-nascidos. | Manoel Maria da Costa Leite. |
| 7. ^a Cadeira — Pathologia interna, Therapeutica interna e Historia Medica.... | José d'Andrade Gramaxo. |
| 8. ^a Cadeira — Clinica Medica | Antonio Ferreira de Macedo Pinto. Presidente. |
| 9. ^a Cadeira — Clinica Cirurgica..... | Agostinho Antonio do Souto. |
| 10. ^a Cadeira — Anatomia Pathologica. Deformidades e Aneurismas..... | Dr. Miguel Augusto Cesar d'Andrade. |
| 11. ^a Cadeira — Medicina Legal, Hygiene privada e publica, e Toxicologia geral. | Dr. José Fructuoso Ayres de Gouvêa Osorio. |

LENTES JUBILADOS

- | | |
|-----------------------|--|
| Secção Medica | { Dr. Francisco d'Assis de Sousa Vaz.
Dr. José Pereira Reis.
Dr. Francisco Velloso da Cruz.
Antonio Bernardino d'Almeida. |
| Secção Cirurgica..... | { Luiz Pereira da Fonseca.
Caetano Pinto d'Azevedo. |

LENTES SUBSTITUTOS

- | | |
|------------------------|---------------------------------|
| Secção Medica | Joaquim Guilherme Gomes Coelho. |
| Secção Cirurgica | Vaga. |

LENTES DEMONSTRADORES

- | | |
|------------------------|-------|
| Secção Medica | Vaga. |
| Secção Cirurgica | Vaga. |

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.
(Regulamento da Escola de 23 d'Abril de 1840, art. 155.)

*

A MEUS EXTREMOSISSIMOS PAES

Não ha ahí quem deva maiores finezas de amor, do que um filho; nem filha que se veja tão penhorado, como eu.

Mas, se muitas e grandes são estas dividas de amor, menores não são os meus desejos de reconhecimento e gratidão.

Meditareis por uma e outras, extremosissimas paes, a valia de meus affectos; e crede que, na liura intima da oração, é a massa a primeira nome ahí inscripto.

Não lhe mudarão o lugar nem os annos, nem as vicissitudes; porque nas pertence a meu futuro, e elle se encarregará de desempenhar a palavra do presente.

Acceptai, pais, este meu trabalho, como testemunha de meu amor, e protesta de meus sentimentos.

O author.

AO SEU PRESIDENTE E MESTRE

O EXC.^{mo} SNR.

ANTONIO FERREIRA DE MACEDO PINTO

FIDALGO CAVALLEIRO DA CASA REAL
COMMENDADOR DA ORDEM DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO
CAVALLEIRO DA MESMA ORDEM E DA DE CHRISTO
BACHAREL FORMADO EM MEDICINA E CIRURGIA PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
LENTE DA ESCÓLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO
SOCIO CORRESPONDENTE DO INSTITUTO DE COIMBRA
DA SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS DE LISBOA
E DA ACADEMIA CIRURGICA DE MALHORCA
MEMBRO TITULAR DO INSTITUTO AFRICANO DE PARIZ
SOCIO HONORARIO DO CIRCULO SCIENTIFICO ALLEMÃO, ETC.

RESPEITO E GRATIDÃO

Non quantum dederis, sed qua mente dediste.

OWEN.

O. D. C.

© author.

A MEU IRMÃO

JOSÉ FERREIRA MARNOCO E SOUSA

ABBADE DE SANTA MARIA DE SOUZELLA
E MUITO REVERENDO ARCIPRESTE DE BARROZAS
NO ARCEBISPADO DE BRAGA

Meu José.

Eu, que tão bem sabes quantos affectos, didicação e amor, se encerram n'esta palavra — irmão —, deixa que eu, recordando-t'a, te proteste que será ella a palavra e o sentimento da minha vida; amores lhe deram principio, em affectos se findará.

Offereço-te este meu trabalho; é uma offerenda pequena, mas sei que tu a estimarás, mais que tudo; porque vai n'ella um nome, que nunca esqueste: é o nome de teu irmão.

© author.

A

A MINHAS IRMÃS

E

A MEU IRMÃO

PADRE MANOEL FERREIRA MARNOCO E SOUSA

Tantas e tão valiosas documentos de amor tenha eu recebido de vós; que não sei como retribuí-los. Sobram-me desejos, e muitos; mas receio competir com vós em causas de affectos. Tão elevados são os que me consagraes!

Consagrarei eu, pois, toda a minha vida á vossa dita; e offereça-vos este meu trabalho, como testemunha de intima affeição e muito reconhecimento que vos devo, e que jámais hei-de olvidar.

O author.

PREFAÇÃO

I

Não ha ahi sciencia alguma que logo avulte em seu começo; e de todas se perde a origem por entre a cerrada escuridão dos tempos. Desejos sobram, e não poucos, que raios de luz viessem esclarecer os primeiros passos do lidar afanoso, incessante e progressivo do espirito humano; mas a antiguidade apenas despede fraco lampejo, que nem meio caminho illumina, através de tantas eras. Sabe-se que o sol não brilha em pleno dia, sem que o tenha precedido o alvor da manhã; mas, nos horisontes da sciencia, mal se divisa a alva matutina, e menos ainda o despontar do astro da luz.

O berço da medicina, como as fontes do Nilo, furta-se a todas as explorações; não ha olhos de lynce que o descubram, nem luz da historia que o allumie. Recondito nos é tambem o seu progresso até Esculapio, e d'este até Hippocrates. Certifica-se que, envolta nas mantilhas da infancia, a medicina dogmatisaria a mézinha popular e o empi-

B

rismo; mas, no curso d'esta primeira época, só nos conta Plinio que fôra cultivada com tal ardor no Egypto, n'esse foco de luz e de civilização, que até os proprios reis vinham estudar sobre o cadaver os vestígios da molestia, e as pégadas da morte!

Bem logo sopram rijos os ventos das escólas philosophicas, nascem, por sua ordem, os quatro systemas que as dividem; e a medicina não é estranha a esta luta e aperfeiçoamento do espirito humano, nem pára em frente do progresso das outras sciencias. Caminha!

Caminha, embora pausado e lento, vagaroso e quiçá tardio, fosse o seu progresso; mas, nos horisontes da humanidade, assoma o genio immortal do divino Hippocrates, o *medicorum Romulus*, segundo Sydenham, e com o seu *naturismo* firma as bases scientificas, em que a medicina devia sustentar-se, a despeito de tantos systemas encontrados e oppostos. É a gloria mais pura e brilhante do seculo de Perycles!

Contemporaneo de Socrates, de Herodoto e de Thucydides, Hippocrates é o vulto mais transcendente, que nos apresenta a historia da medicina n'esta época, chamada por Auber, época de fundação. Philosopho profundo, observador sem igual, semêa em suas obras as premissas de todos os conhecimentos humanos; e o mesmo Bacon, e Newton e Montesquieu, não fizeram mais do que desenvolver e explicar n'uma linguagem admiravel os principios professados pelo medico de Cós¹. Com affinco e rara insistencia investiga e estuda a propria natureza; e, desprendido de preconceitos, á medida de sua aturada observação, copia d'aquella as leis imprescriptiveis da sciencia do homem. Não trepida em estabelecer o facto-principio; e, proclamando, como dogma innegavel, o *sola natura medicatrix*, funda o melhor systema medico, e dá á medicina uma base, tão segura e firme, que a domina em todo o seu conjuncto, e lhe imprime um character de unidade, simplicidade e clareza, o qual jámais poderam delir, nem offuscar, tantos systemas, que ahi se levantaram no correr de vinte e tres seculos!

Assim, pois, desde Hippocrates até á escóla de Montpellier, n'esta segunda época, aponta a historia nove systemas, que seus authores, renegando a palavra do mestre, fundaram sobre novos principios: e da escóla de Montpellier decorre a terceira época, época de luta e

¹ Auber, *Traité de la science médicale* pag. 133.

aperfeiçoamento, contando dezenove systemas com o homœopathico, ao qual alguns não dão foros de systema, nem de doutrina, e sim de methodo therapeutico. Admira vêr um systema atravessar vinte e tres seculos de existencia, em meio de tantos outros e viver ainda! O erro não dura tanto; só a verdade triumphha dos homens e dos tempos!

II

A medicina, como todas as sciencias cosmologicas, funda-se na observação, na experiencia e no raciocinio; e, sem estes tres elementos, não ha, nem pôde haver sciencia da natureza. Aplicar os sentidos mediata, ou immediatamente; reproduzir os factos, ou surprehender a natureza nos seus mecanismos; e fecundar pelos differentes processos da intelligencia os materiaes recolhidos; eis ahi o elemento, ou poder observador; o elemento, ou poder experimental; o elemento, ou o poder racional, logico e philosophico. Graças a este methodo, inaugurado por Bacon, a medicina progride tanto, que, segundo Bouillaud, entrou já no numero das sciencias exactas e positivas. E assim ha-de progredir e aperfeiçoar-se mais ainda, se melhor se observarem os factos, e com maior justeza se empregar o raciocinio, elevando-se dos phenomenos ás leis, e d'estas ás forças que os produziram. É o processo mais seguro na indagação da verdade, como diz o grande Laplace.

Eis ahi os meios de exploração, os elementos formadores da medicina que é, na accepção mais lata, a sciencia do homem são e doente; do homem que soffre e reage; do homem, emfim, e suas relações com o mundo que o rodeia. Sciencia vasta e complexa, nobre e elevada pelo seu fim, pelo seu objecto, e pelos conhecimentos que demanda. Na medicina-sciencia, na ontologia medica, encontra-se a pathologia geral, a phenomenologia, a etiologia, a materia medica, a historia da medicina e todas as sciencias afferentes, taes como a chimica, a physica, a botanica, a anatomia normal e morbida e a physiologia. Na medicina-arte, na tecnologia medica, vê-se o diagnostico, o prognostico, a hygiene, a therapeutica, as operações, os partos e a pharmacologia. De longe nos vem a divisão da medicina em sciencia e arte; sua applicação á cura

*

das molestias, assim o exigia e justifica; mas se pôde e deve assim dividir-se em sciencia e arte, não pôde uma isolar-se da outra; porque, sem sciencia medica é impossivel a arte medica, como impossivel é o ser bom pratico, ou artista em medicina, sem ser sabio n'essa mesma sciencia. Com muita razão diz, pois, Bérard: *a medicina é a mais philosophica e a mais difficil de todas as artes; porque exige o conhecimento profundado de todos os methodos* ¹. Se a medicina-sciencia e a medicina-arte são inseparaveis, porque a sciencia, diz Lordat, é a mãe da arte; como sem noção de principios não ha verdadeira sciencia, nem methodos rigorosos de observação, ou arte, claro fica que todos os ramos, os quaes pelo seu conjuncto formam a sciencia medica, são igualmente inseparaveis; pois todos elles constituem uma unidade, qual é a sciencia do homem são e doente, do homem que soffre e que reage.

O fim da medicina é curar, prevenir e tornar mais supportaveis as doenças; fim nobilissimo e tão beneficente, que muitos dos nossos maiores entraram na relação dos deuses, como preito de homenagem e reconhecimento á sua memoria pelos assignalados serviços que prestaram em pró da humanidade enferma. Quem não vê na abnegação da propria vida para socorrer os outros uma virtude sem igual, tão sublime, como o medico que a possui?! « Ardem mortiferas epidemias, « e devastam a eito a população, fogem todos a salvar-se da pestilencia « que os tomba; a amizade, o sangue e até o amor maternal desam- « param o leito contagioso, o pratico lá chega ao contacto pestifero, « embebe-se do suor do passamento, respira o folego da expiração; e « ainda fica, rodeado já da podridão, a estudar sobre ella os mysterios « da sua crença, as pégadas da morte para as atalhar, e ahi morre no « seu posto de caridade; a urna não lhe guarda as cinzas, e de muitos « nem a historia o nome ². » Basta.

Os meios com que o medico pôde alcançar este fim, são de tres ordens; *meios hygienicos, meios pharmacologicos, e meios chirurgicos*; e d'aqui a divisão da arte de curar, desde os tempos os mais antigos, em *dietetica, pharmacologia e chirurgia*. Celso diz: *in tres partes medicina*

¹ Monneret, pathol. générale pag. 5.

² A. F. Braga, pathol. ger. pag. 277. — Hippocrates já dizia: *virtute deo æqualis*. O Ecclesiastico: *honora medicum, da locum medico*: e Cicero = *quare eam (medicinam) cælo delapsam non immerito philosophi prædicant*.

deducta est, ut una esset quae victu, altera quae medicamentis, tertia quae manu mederetur. A cirurgia é pois, uma subdivisão da therapeutica, no que ella tem de mechanico, *quod in therapia mechanicum*, e um dos meios á disposição do medico para alcançar a cura das molestias.

Assim não pôde admittir-se a separação entre a cirurgia e a medicina, porque ficava incompleta e impossibilitada de curar certas affecções, as quaes só por este meio pôde curar, debellar, prevenir ou paliar. Logo a cirurgia é inseparavel da medicina; porque é uma divisão da therapeutica, como esta é uma divisão da technologia medica, arte medica, e esta é parte complementar e integrante da medicina, da ontologia medica. Por conseguinte, muito bem diz D. Savignac: *mais le chirurgien doit commencer pour être médecin, et ne doit jamais cesser de l'être.* Quem não vê ahi que a arte medica é a sciencia medica praticada, ou na sua applicação á cura das molestias? Claro está, pois, que não ha, nem pôde haver medicos e cirurgiões, nem medicos-cirurgicos, e sim exclusivamente medicos; os quaes, habilitados em todas as provincias da medicina, satisfaçam cabalmente ao fim a que se propõem e para que são creados.

III

A anthropologia morbida é uma na sua essencia, e qualquer separação das partes, que a compõem, é viciosa e logicamente insustentavel. Se ha duas pathologias, interna ou medica, e externa ou chirurgica, não é porque os factos de uma e de outra se dêem isolados e radicalmente independentes, nem se liguem, muitas vezes, entre si; mas a methodologia, pela divisão analytica, assim o reclamou; o estudo mais completo e de maior numero de factos o exigiu; e a insufficiencia do espirito humano o pediu; porque são raros os genios encyclopedicos. Tão vasta e complexa é a medicina! Por tanto, divisão não é separação; esta rejeita-se por impossivel, aquella solicita-a o bom senso medico, como meio de perfectibilidade.

A historia, porém, nos mostra que, em differentes épocas, a cirurgia foi separada da medicina, constituindo uma sciencia independente, e não partindo dos mesmos principios doutrinaes. É certo, porém, que se então não se conhecia bem a ligação intima entre todas as

sciencias que, no seu conjuncto, formam a sciencia medica; hoje seria grande absurdo suppôr tal insciencia na actualidade dos nossos conhecimentos, mais vastos e elevados que os d'aquelles tempos, em que se ignorava que a anthropologia morbida é uma sciencia, indivisa theoreticamente, embora dividida praticamente em muitos ramos, com o fim unico de se facilitar o seu estudo, e auferir melhores e mais promptos resultados.

A primeira separação teve lugar na escôla de Alexandria, cuja celebre bibliotheca por mais de uma vez foi destruida e restaurada, e por ultimo completamente destruida por Amon, vice-rei do Egypto, o qual mandou aquecer os banhos publicos com as obras n'ella contidas!!!

N'esta época, trezentos annos antes da era vulgar, foi a medicina dividida por Herophilo e Erisistrato em tres partes: *dietetica*, *pharmaceutica* e *cirurgica*. A cirurgia tornou-se a pratica exclusiva de cirurgiões, a quem por direito pertencia a pratica das operações. Reunida, porém, de novo á medicina, aquelles tres ramos reconstituem-se, para logo serem separados em Roma, no tempo de Galeno. Emfim nova junção e terceira separação teve lugar na meia idade, aos 1131 annos, por ordem do synodo de Reims, que prohibiu ao clero a pratica das operações; sendo esta disposição confirmada mais tarde pelo concilio de Latram em 1139, e em Tours no anno de 1163. *Abhorret Ecclesia a sanguine*, era o motivo que justificava taes disposições.

Assim se desuniu a cirurgia da medicina, ficando aquella entregue a homens, não habilitados, nem instruidos, para corresponderem ao fim a que ella se propõe; até que Guy de Chauliac e Ambrosio Paré lhe deram impulso tão vigoroso, e lhe conquistaram lugar tão nobre e elevado, que, em todas as seis grandes épocas de sua historia, a vemos successivamente abrilhantada com os nomes dos mais inclitos operadores, J. L. Petit, Bell, Hunter, Désault, o barão de Larrey, Béclard, Boyer, Depuytren, Reclerand e Sebatier, a quem a cirurgia deve o nome de medicina operatoria, são, entre muitos outros, vultos que a humanidade adorava, e a historia da medicina e da cirurgia aponta, como os mais sublimados, n'esta divisão da therapeutica.

IV

Posto isto, que exuberantemente confirma a estreita ligação da cirurgia e medicina, não adduzo por isso mais provas; pois seria longo percorrer todos os factos cirurgicos e mostrar que nem um só pôde ser interpretado sem a luz da philosophia medica. Resta-me, por fim, expôr os motivos que determinaram a escolha da these que serve de assumpto da minha dissertação, e a divisão do meu trabalho.

A natureza medicatrix

Escolhi este ponto, e não outro; porque é a primeira lei sobre a qual assenta a medicina, e, ha muito, consignada pelos maiores genios, como uma verdade irrefragavel; e até porque de sua boa e sã interpretação brotam illações, que, eminentemente proficuas na pratica, conduzem o medico com clareza e segurança na applicação da sua therapeutica.

Principiarei o meu trabalho por um artigo sobre a existencia da *força vital*, cuja admissão a necessidade demonstra e justifica; pois, sem ella, é impossivel a theorisação dos factos biologicos. Não lhe dei grande extensão, porque não venho constituir-me chefe de escola, nem quero, nem posso, nem devo. Era ponto obrigado para o fim, que tinha em vista, acceitei-o; e, provado elle, o artigo sobre *natureza medicatrix* não é mais, nem menos, do que a applicação d'este principio, com referencia aos diversos estados morbidos, em que a considero.

Segue este primeiro artigo outro sobre molestia, o grande facto pathologico, que domina toda a pathologia interna, e externa, e para o qual converge toda a therapeutica, pharmacologica e cirurgica. N'elle trato de saber o que é molestia, e em que consiste. Trabalho difficil e cheio de escolhos! No entanto, auxiliando-me dos proprios conhecimentos, bebidos muitos d'elles nas prelecções dos lentes que me ensinaram, e da leitura dos livros que consultei, pude, consoante o meu limitado talento e pequeno cabedal scientifico, provar que, não resi-

dindo a molestia na causa, no symptoma, na lesão, de um modo abstracto e geral, forçoso era concluir para a affecção da vida.

Termino depois o meu trabalho com o artigo sobre *natureza medicatrix*, em relação a muitos estados morbidos, nos quaes pondero, em geral, a intervenção d'esta força, á qual, convenientemente secundada pelos meios proprios, que o medico tem á sua disposição, se deve a reintegração da normalidade pervertida. Sendo este artigo o ultimo da minha dissertação, torna-se ao mesmo tempo uma consequencia do primeiro, e uma demonstração do segundo; offerecendo assim, no todo, este meu trabalho, algum methodo, ordem e ligação pela dependencia reciproca das partes que o compõem.

Queria furtar-me, na consciencia o digo, á necessidade de apresentar este trabalho á luz publica; e ainda mais, o que me sobressalta, e não pouco, á apreciação dos meus mestres, elevados ao fastigio das glorias scientificas, os quaes, por certo bem o sei, não-de encontral-o deficiente e mal elaborado. Porém como a lei a tanto me obriga, espero encontrar na benevolencia d'elles o que diz De La Bruyère: *Celui qui n'écrit que pour remplir à un devoir dont il ne peut se dispenser, à une obligation qui lui est imposée, a sans doute de grand droit à l'indulgence de ses lecteurs.*

ARTIGO PRIMEIRO

PRINCIPIO VITAL

Pour moi, la vie est une cause et non pas un effet de l'organisation.

BOUCHET — *La vie*, pag. 222.

Entre todas as maravilhas da criação, avulta o homem, compendio d'ellas, e do auge da sua grandeza remonta ainda ás incommensuraveis alturas d'intelligencia esplendida e livre, onde estanceia como perscrutador de todos os mundos. E' a sua mais nobre missão ; e, no exercicio d'ella, quantas vezes lhe não sahe dos labios o enthusiastico *inveni* de Archimedes, e o seu coração não desprende a nota mais afinada e suavissima do hymno, que o universo inteiro, em homenagem, entôa ao Creador? O homem é imagem d'Elle! Não cria os seres, como Deus; mas estuda-os, distingue-os, classifica-os: e assim pela reflexão analytica, como pelo poder da synthese, fórma os grandes generos que divide em vastas especies. Semilhanças e differenças são os dous largos campos da phenomenalidade em o universo, como os dous motores de todas as sciencias; e d'ahi a grande divisão dos seres em dous mundos: *organizado* e *anorgánico*. E al não podia ser; porque a origem, com-

posição, volume, fôrma, phases e desenvolvimento por que passam os seres organizados, reclamavam esta divisão.

Mas se do estudo da phenomenalidade n'estes dous grandes mundos, o homem deduz as forças reguladoras da materia; porque sem ellas não se architecta a sciencia cosmologica: no mundo organizado o genio analytico do grande Hippocrates descobre uma força, tão sua e especial, como seus e especiaes são os phenomenos, que se observam nos seres organizados e vivos. Qual é esta força? Hippocrates a denomina—*natura*: Crollius—*astrum internum*: Michel Alberti—*principium energoumenon*: Van Helmont—*archéo*: Stahl e Claude Perrault—*anima*: e modernamente Duret e Bartz—*principium vitale*: Robert Whyt—*vis invita, vis vitae*: Glisson—*substancia energetica naturae*: Boerhaave—*impetum faciens*: Brown—*incitabilidade*, e Haller e Broussais—*irritabilidade*.

Como tem sido profundo e tenaz o estudo dos grandes genios, sobre esta força especifica do mundo organizado! E, comtudo, todas estas designações, na sua expressão ultima, resumem, accordes, a convicção firme da existencia de uma força activa, desconhecida em sua essencia, e por demais sabida em seus effeitos. É o principio vital. Estudemol-o.

Sóe dizer-se, depois de Newton, e em sentido bem rigoroso, *effeitos differentes — causas differentes, e aquelles os mesmos — estas identicas*: ora, pela analyse da phenomenalidade no mundo anorganico, deduziu a sciencia as forças physico-chimicas; mas, se no mundo organizado ha mais outros phenomenos, que não em o mundo anorganico; porque não ha-de a sciencia deduzir outra força, segundo o axioma — *effeitos differentes — causas differentes?* Logo, se dos phenomenos physico-chimicos, no mundo anorganico, vem forças physico-chimicas; dos phenomenos vitaes e physico-chimicos, no mundo organizado, vem força vital e forças physico-chimicas. *Forces vitales, forces physiques, forces chimiques, tel est donc le triple pivot sur le quel repose l'activité de la matière dans la nature* — diz D. de Savignac.

Os phenomenos vitaes, no mundo organizado, elevam-se á evidencia, ninguem os contesta; mas são elles filhos de aptidões da materia, ou effeitos de uma força, distincta d'ella? É o que se discute. Ahi acode o organicismo, e o vitalismo. Não posso alistar-me nas bandeiras d'aquelle, minhas convicções levam-me direito ao vitalismo. Discutirei,

pois; mas com a profunda reverencia, devida a genios tão elevados, como os que deparo no campo contrario; porque, por ser *magis amica veritas*, não posso occultar, nem quero — o *amicus Plato*.

« Desde as revoluções dos astros suspensos no espaço infinito, até
« á evolução da planta e do animal microscopicos, tudo é o fructo, e tu-
« do traz estampado em si o sello de um genio incommensuravel. E, no
« entanto, os clarões d'este genio rebrilham sobre tudo na producção
« dos seres organisados. Quem ha ahi que se não surprenda da rela-
« ção que existe, entre a organização de um ser, e o meio em que vive?
« da constituição de seus órgãos e o fim a que são chamados? da lei da
« evolução, resultado da estructura de um germen? É no momento da
« formação do ovo, de um grão, ou de um germen, que os seres, em sua
« nascença, recebem a *impulsão*, cujos actos diversos foram denomina-
« dos *propriedades vitales*; ora, *esta impulsão*, nós o redizemos, não é
« outra cousa, senão a *organisação* d'este grão. É a disposição de suas
« moleculas que lhe confere a aptidão de se desenvolver. » Assim falla o
organicismo pela bocca de Rostan.

Agora formulo o argumento, na sua expressão simples e rigorosa: a impulsão é a organização, o fim o desenvolvimento do ser organizado; mas a impulsão é acção, é o exercicio da força; logo esta é anterior ao primeiro momento d'aquella; logo a organização, sendo a impulsão ou acção, ou melhor ainda primario effeito da força, não é ella mesma.

Mais: a impulsão é um estado de transição; d'onde vem, que faz, e para onde vai? Vem da força, fórma a organização, e produz a evolução dos seres. Força, acção e effeito é a trilogia da sciencia, que não é licito confundir: mas, se o organicismo não confunde, se não faz de dous elementos um só, qual é a força? Ou ha-de ser Deus, ou a materia, ou a força vital; logo, ou o pantheismo que a sciencia rejeita, ou o materialismo que ella recusa, ou o vitalismo, o qual, até por exclusão de partes, ha necessidade de admittir.

No entanto Rostan, descendo á analyse, cita a formação do ovo, recebendo a impulsão, que elle confunde com a organização, quando esta é já um effeito d'aquella. Senão vejamos, e cerremos o organicismo no estreito circulo d'este facto: o que é o principio material, do qual o germen animal se desenvolve? um fluido gelatinoso, amorpho. Existe n'elle o embrião? existe potencialmente, materialmente não. As observações de Barry, Burdach, Müller, Baer, Velpeau, e de muitos outros

*

embriologistas, não tem podido descobrir no fluido germinal o ente predelineado. E porque, desde o primeiro momento da incubação, até ao estado perfeito do animal, se descobre uma serie successiva de metamorphoses, desaparecendo umas partes, para serem substituidas por outras, e mudando algumas de fórma e estructura? Quem impulsa aquellas para o desaparecimento, produz a substituição d'estas, e altera a fórma e a estructura d'est'outras? A organização? Então é effeito e causa simultaneamente, o que repugna. São aptidões da organização? Então a aptidão não é a organização; a aptidão é força e a organização é o seu theatro. E porque em um fluido homogeneo se fórma n'um ponto o coração, n'este os intestinos, e n'aquelle o eixo-cerebrospinal? Ha organização anterior a estes factos? Ninguem a admite: logo onde está a impulsão que, no dizer de Rostan, é a propria organização? e onde brilha a disposição das moleculas, antes da existencia d'ella mesma? Repito: esta impulsão ou é Deus, ou a materia, ou a força vital: mas repugna a Rostan o pantheismo e o materialismo, como repugna ás sciencias, e á physiologia; logo dai o nome verdadeiro a esta impulsão, collocai-a na sua altura propria, convertei-a em força vital, e abi tendes a razão dos factos, o principio regulador d'elles, e a palavra da sciencia que tudo explica, e pela qual e com a qual tudo se comprehende.

Conclusão

Nos dous grandes mundos — *organizado e anorganico*, o estudo da phenomenalidade leva o philosopho ao reconhecimento de forças, que tenham em si a razão dos factos: e, se dos phenomenos no mundo anorganico, se deduziram as forças physico-chimicas, dos phenomenos no mundo organizado se deduz, além d'aquellas, outra força, que a sciencia, com todo o rigor, denomina *força vital, principio vital*. É esta a verdadeira palavra da physiologia, e até da chimica, na phrase do grande Berthelot; *o qual, podendo formar seres organicos, jámais pôde conseguir organisal-os!* É o ponto luminoso que domina com seus raios de luz e de verdade todo o systema medico; é o credo scientifico de grandes genios, e é o palladio do perscrutador da phenomenalidade no mundo organizado, sua bussola e seu norte, que o guia através de

tantos mares, como são os phenomenos variados e complexos, que elle estuda e observa.

Sou, portanto, vitalista. Para mim a vida não é só o resultado da organização, por si mesma; porque o materialismo é deficiente; não aceito a impulsão dada por Deus á materia, como diz Rostan; porque se me afigura o relógio harmonico de Malebranches, guiado pelo dedo de Deus, fructo de suas lucubrações pantheisticas: para mim a vida é, como diz Monneret, *o resultado da triplice acção do principio vital, da organização, e das diversas influencias cosmicas, que obram, sem cessar, sobre o corpo do homem.*

Assim, com a força vital dou a razão dos factos; pois é ella, como diz Quatrefages, *que contrabalança a acção das forças physico-chimicas, oppondo-se a que ellas desenvolvam sua actividade em toda a plenitude:* porque muitos phenomenos dos seres vivos, com quanto influenciados pelas leis da chimica, e da physica, não são todavia cabalmente explicados pela acção unica d'estas leis.

Logo, se a força vital intervem em todos os phenomenos vitaes, e, no estado normal, é a causa de todo o dynamismo physiologico, claro fica que esta mesma força no estado pathologico é tambem a causa de todo o apparelho symptomatico que constitue, em doutrina vitalista o acto morbido ou reacção; e teremos assim o estudo physiologico e pathologico assente sobre a unidade que os abrange, que os domina, e que os vivifica, a força vital, ou principio vital. O vitalismo é, pois, um systema verdadeiro e perfeito; verdadeiro, porque explica com simplicidade e clareza todos os phenomenos physiologicos e pathologicos; perfeito, porque assenta sobre um facto primordial que domina todas as suas particularidades. A medicina architecta-se, portanto, sobre a fórmula de Hippocrates—*sola natura medicatrix*; dogma immutavel da sciencia medica, que é placida e prudente, como a philosophia, fervente como a religião, tolerante e simples como a verdade!

ARTIGO SEGUNDO

MOLESTIA

Il n'est pas de maladie sans un désordre primitif de la puissance régulatrice des mouvements vitaux organiques.

E. BOUCHUT — *Nouv. élém. de Pathol. génér.*
pag. 8.

Que é molestia? Rigorosamente fallando, definir molestia é tentar o impossivel; porque a definição perfeita abrange o genero e a especie; mas, em tão largos horisontes da sciencia medica, onde se depara com esses dous polos, com essas duas formulas, expressão synthetica de todos os actos morbidos? E, ainda assim, abrindo os livros de pathologia geral, quantas definições não formigam ahi? São tentames do espirito humano, tenaz esforço da sciencia que não consente, que uma contrariedade a suste no caminhar progressivo de suas lucubrações. Bem haja ella.

No entanto analysando as muitas definições, dispersas aqui e além, em tão vastos arsenaes da sciencia pathologica, avistam-se logo tres grupos, ou categorias, em que podemos classifical-as, segundo a sua procedencia: o *aggregado*, a *força*, e a *união d'aquelle e d'esta*; ou o materialismo, o animismo, o vitalismo e organo-vitalis-

mo. Admira! Apanagio inseparavel da humanidade, a molestia é a companheira de nossos dias, ninguem se furta a seus effeitos, todos a sentem, e no sanctuario da medicina ainda se não está de accordo sobre a orthodoxia d'esta palavra! Porque será? Para mim é ponto de fé que esta divergencia deriva dos encontrados systemas, sobre a explicação dos phenomenos vitaes, e consequentemente da saude e da doença.

E, assim, o organicista, para o qual a vida é o resultado da organição, não vê na molestia, senão órgãos, ou funcções lesadas; em quanto que o vitalista, considerando a vida, como resultado de um principio, de uma força que se realisa na materia organizada, não alcança na molestia, mais que uma perversão d'esse mesmo principio.

Effectivamente a definição de molestia não podendo dar-se rigorosa e completa; por isso que se prende com um estado dos corpos organizados, estado que nos fornece uma idéa, um principio elementar, como premissa obrigada e portanto indefinivel; claro está que a melhor definição, se assim se póde dizer, é a do vitalista que a firma no principio vital, isto é na perversão, ou na affecção da vida.

E, assim, n'um ponto de vista geral e abstracto, molestia é a perversão da vida; e tal, ou qual perversão, manifestada pelo factio concreto ou particular, a molestia em especial. Monneret admite a definição de Galeno: *la maladie est un état anormale du corps vivant, caractérisé par une altération de structure, ou par un trouble de fonction*. E Rostan: *la maladie réside dans l'altération de texture des organes*.

Na definição de Monneret transluz o organicismo, que de todo se espraia na de Rostan, impossibilitando-as ambas, mais ou menos, de apresentarem um caracter de generalidade.

Legitimos possuidores de um principio que, no estado normal, contrabalança as forças physico-chimicas, ou que reage contra as forças extrinsecas do mundo material, não podemos deixar de crêr, que seja esse principio, no estado pathologico, muitas vezes pervertido por meio de influencias, nem sempre conhecidas. Assim o estudo do homem doente assenta *no modo*, como esse principio, essa força foi desnaturada e pervertida, e *n'aquelle*, como ella reage.

Logo quer dizer a perversão e a reacção; e, o que é mais, a unida-

de no estudo e na causa, e a mesma theoria no facto principio — da saude e da doença.

Não vale o organicismo allegar, que não sabe o modo, como a força pôde modificar-se pelas influencias morbificas; porque eu tambem não sei, como é modificada a alma pelas impressões que minha instrumentalidade lhe transmite; e, no entanto, a não ser no materialismo, não entra isto em discussão.

Mais: se a molestia consiste na alteração de textura, ou de funcção, qual é a sua causa? Dar-se-ha caso de se admittir effeito, sem causa? Na clinica é, por certo, o principal dever do medico determinar a lesão e constatal-a; e bem assim a alteração de funcção: porque é por esses effeitos que a alteração da força vital se nos torna sensivel, mas theoricamente em principio, importa fundar o systema medico em base solida, que não tenha a mobilidade dos phenomenos, que se observam, e o medico-philosopho é obrigado a admittir uma causa, anterior á phenomenalidade, que dê a razão d'ella.

E assim é; porque, antes da perturbação de funcção, ou alteração de textura, ha alguma cousa mais, que não cahe debaixo dos sentidos e da observação; mas que só pôde aventar-se pela reflexão e raciocinio.

Esse *quid* é a affecção da vida.

Conclusão

A idéa, pois, de molestia é simples e elementar, e por isso indefinivel, como simples e elementar é o principio da vida, na perversão do qual está o sentido genuino e rigoroso da palavra molestia; estabelecendo-se, assim, a unidade no estudo physiologico e pathologico. Verdadeiro é, pois, o systema hippocratico; porque o acto morbido é, e ha-de ser sempre, um esforço, uma reacção da vida para reintegrar a normalidade, que se perverteu. E' n'elle que nós encontramos o bem, ao lado do mal; a ligação e a ordem, em todos os phenomenos da molestia, com tendencias para um fim determinado, qual é a res-

tauração da saúde; demonstrando-se pelo mesmo que saúde e molestia são dous modos de ser da vida, e que o homem não tem sómente o fatal privilegio de sentir e soffrer, e sim também a faculdade de reagir activa e utilmente contra as suas affecções e soffrimentos. E', por isso, que diz M. Jules Guerin: *la maladie est la fonction modifiée, pervertie, détournée de son but normal, mais continuant à être animée, impulsionnée par la force radicale que anime, et impulsionne la fonction normale.* Emfim, é uma acção medicatrix, a qual luta com energia contra a acção morbida; é o combate da economia inteira contra uma causa morbifica que, modificando-a, a desregularisou no seu mechanismo e funcções; é a vida reagindo contra a morte, e por conseguinte contra as leis da destruição.

Estabelecido, assim, este principio, não posso deixar de estudar a molestia, como uma perversão da força vital, caracterisada pela impressão e reacção; e, conseguintemente, a molestia no seu ponto de vista geral, absoluto, e abstracto, não pôde, em rigor, ter a sua expressão verdadeira na *causa*, na *lesão*, e no *symptoma*, como quer M. Natthalis de Guillot, mas sim na affecção do principio vital.

Vejamos.

I

Causa

Terá a molestia a sua inteira expressão na causa, elevada á sua maior generalidade? Não tem; porque, na ordem pathologica, a idéa de causa não é tão rigorosa, como na ordem physica. N'esta, a relação de causalidade é tão invariavel, que d'ella se segue mathematicamente a identidade de proporção entre a causa e acção, e entre a acção e o effeito. N'aquella, nem sempre se vê esta relação; porque differentes effeitos, e até oppostos, se seguem á acção da mesma causa. O frio humido, por exemplo, provoca affecções dessimilhantes; como a *enterite*, *pneumonia*, *neuralgias*, *pleurezia*, a *bronchite*, e *affecções rheumatismaes*. O mesmo effeito pôde ser produzido por causas differentes;

haja vista a *epilepsia*. Certas causas, nem sempre, dão de si os mesmos effeitos; assim os *calculos vesicaes*, *tuberculos no pulmão*, *corpos estranhos no cerebro*. Póde até acontecer que, tirada a causa, fiquem os effeitos; pois n'um individuo syphilitico, radicalmente curado com o tratamento proprio, ainda, por vezes, continuam manifestações, sem causa explicativa, como as *vegetações* que applicações locaes combatem e destroem. Emfim muitos outros factos poderia eu citar comprovativos do que levo dito.

Reconhecendo-se pela observação analytica, que, nem sempre, a causa produz o mesmo effeito; que o mesmo effeito póde ser determinado por differentes causas, e até não se seguirem effeitos, embora actuem causas; como, no meio de contagio, permanecerem *immunes* certos individuos; e, mais ainda, sentirem-se effeitos, depois de removida a causa; claro fica, que a causalidade externa não póde ter outra expressão, suggerir outra idéa, que a de causa occasional, isto é: *de circumstancias insolitas que sollicitam a organização a converter suas operações ordinarias em outras anomalias*.

Assim a causa exterior produz sómente a impressão; bem semelhante ao calorico, á luz, electricidade e humidade, no desenvolvimento de um grão que se transformou em planta; e no dynamismo vital, pela sua faculdade perceptiva, e actividade propria, é que está a razão da pathophania morbida. Mas se a molestia se funda na razão directa da perceptividade dinamica; esta, sendo superiormente variavel por virtude de condições individuaes, como temperamento, constituição e idiosyncrazias, imprime, por isso, feições differentes nos estados morbidos. Não podendo, pois, na causalidade externa achar-se a razão inteira e necessaria no sentido geral e abstracto, do facto molestia, mas sim na perceptividade dinamica, vejamos se na causalidade interna deparamos com a mesma difficuldade.

Na causalidade interna, ou nas causas somaticas, menos accetavel é a hypothese de que n'estas se dê a razão da molestia; porque a mesma causa produz effeitos differentes e até oppostos: assim a irritação dos órgãos genitales occasiona a *chlorose*, a *amenorrhêa*, a *hysteria* e a *lucura intermittente*. Os vermes intestinaes, as hydatidas e certos parasitas determinam muitas affecções consecutivas, symptomaticas ou sympathicas. Nas paixões e affecções d'alma que variedade de effeitos!? Emfim os excessos venereos causam, quando excessivamente rei-

*

terados, as *ataxias*, *adynamias*, *nevroses*, *congestões*, *apoplexias* e *paralysias*. A continencia em individuos bem organisados dá lugar ao *priapismo*, á *hysteria*, *nymphomania*, *hypocondria* e á *loucura*. É impossível, pois, por todos estes factos, vêr n'ellas a razão de causalidade.

Conclusão

Na etiologia medica observam-se duas grandes classes de factos; uns, que se referem á modificação directa sobre o organismo pelos agentes exteriores; outros, que modificam directamente o principio vital ou dão á vida uma modalidade morbida: no primeiro caso teremos o estado morbido provocado; no segundo o estado morbido affectivo, ou affecção primitiva. Em uns e outros, pela força da observação e da analyse clinica, não sinto, não vejo, nem posso aventar mais, que a impressão do dynamismo vital, uma modalidade diversa, causa verdadeira do facto molestia, ou do acto morbido organico ou dinamico. Não encontrando, pois, a molestia a sua inteira expressão na causa, tomada na sua generalidade, estará ella na lesão?

Examinemos.

II

Lesão

A molestia não póde residir na lesão; porque a lesão não é constante, como a observação o prova. Esta, feita por homens a quem se não póde negar os dotes de verdadeiros observadores, não dá, não assigna uma lesão certa e determinada para cada estado pathologico, na qual assente a razão de todo o aparelho symptomatico da molestia. N'isto convem o proprio organicista que, até nas molestias, nas quaes se não póde encontrar a lesão, exige que ella se admitta, como existindo, embora invisivel e inapreciavel. E no entanto, é para elle um artigo de fé, o não admittir senão aquillo, que os sentidos podem cons-

tatar, auxiliados, ou não, por instrumentos proprios! Evidentemente a hypothese da lesão invisivel e inapreciavel contraria o seu credo medico, e é uma supposição que seus principios não authorisam; porque, ou se vê e se apalpa, e então existe; ou não se vê, e não existe; logo, quando se não possa constatar, não existe; ou porque assim o seja realmente, ou pela imperfeição dos instrumentos, que a não podem descobrir, mas que, por isso, se não ha direito de suppôr existindo. A verdade é que, no estado actual da sciencia, da anatomia pathologica, ha molestias, nas quaes a lesão não apparece, exemplo as *nevroses*; e tambem as ha em que as lesões existem, mas sem que tenham em si mesmas toda a razão do estado morbido, como o *bubão na peste*, as *ulcerações das placas de Payer na febre typhoide*, e mais; e ha lesões sem que appareçam perturbações phenomenaes, como *tuberculos* no pulmão em individuos que jámais soffreram alterações funcçionaes, que demonstrassem tal lesão, *calculos vesicaes*, e outros exemplos que se não citam por brevidade.

Mas conceda-se, por um momento, ao organicista, que toda a molestia é o resultado d'uma alteração somatica, ou d'uma lesão. É certo que todas as lesões anatomicas tem o caracter geral de serem o producto d'uma perturbação na nutrição d'essa parte, em que se vê lesão; como nas *inflammaciones, gangrenas, amollecimentos, derramamentos diversos, secreções anormaes, hypertrophias, atrophias, tuberculos, canceros* etc.; pois tudo está submettido a esta lei da perversão das funcções nutritivas: ora, segundo a observação de M. Tessier, a perturbação nutritiva não é a lesão, mas antes a perturbação funcçional da nutrição é que a cria, é que a determina e a produz; logo a lesão não é a causa da molestia, e sim um effeito, que, por sua vez, se torna em causa de novos phenomenos. O mesmo Rostan não pôde fugir á contradicção, quando disse: «La lesion anatomique ne cons-
«tite point l'essence de la maladie.» Broussais já affirmava que: «Les
«tissus sont malades dynamiquement avant de l'être matériellement:
«La vraie maladie est dans l'action morbide qui produit les altéra-
«tions¹.» Em vista do que é exacto e quiçá evidente, que a molestia não é, nem pôde ser a lesão; assim o exige a pathologia e philoso-

1 P. Depuy. Philos. medic. pag. 213.

phia medica: porque a lesão é um effeito, e anterior a elle está a causa, que o determinou.

Vejamos agora como os ensinamentos da anatomia pathologica, na pessoa do maior anatomo-pathologista da Europa, e do mais estimado de entre os allemães, M. Virchow, vem corroborar a doutrina, que levo dita: «L'inflammation est due à prolifération nucléaire, puis cellulaire, d'éléments normaux, comme l'hypertrophie simple. La suppuration est la conséquence d'une processus de luxuriation des tissus conjonctif et épithéale; il n'y a point de différence entre la leucocytose physiologique qui survient pendant la grossesse et la fin de la digestion, et la leucocytose pathologique due à des lésions de ganglions lymphatiques (scrofules, fièvre typhoïde, cancer, érysipèle malin, choléra, pneumonie), ou à des lésions de la rate; les cellules du cancer, comme celles des tubercules, son produits immédiatement par les cellules normales des tissus affectées par le phénomène de la prolifération régressive; le rachitisme a saraison d'être dans le peu de densité que conservent les couches nouvelles celluluses de prolifération qui ne peuvent se solidifier; l'ostéomalacie est constituée par la régression des cellules osseuses du tissu compacte à l'état médulaire; dans les processus necrobiotiques: dégénérescence graisseuse des muscles, atheromes, ramollissements cérébraes, maladie de Bright (nephrite parenchymateuse), le tissu adipeux étant une forme de tissu conjonctif, il y a semblablement une marche régressive de l'état organique.» D'esta doutrina, fielmente copiada de Virchow, se deduz; primó que, apresentando a molestia a condição regressiva, não póde deixar de admittir-se um passo retrogrado na força primitiva da evolução, e por conseguinte que foi ella a primitivamente alterada; secundó a differença, que existe entre certos estados pathologicos (*inflammation, suppuration, leucocytose*), e os estados physiologicos respectivos, não póde basear-se sobre a condição anatomica elementar, isto é sobre a estructura intima dos tecidos.

Ora, se esta differença não póde ser baseada sobre a estructura intima dos tecidos, é certo que só o póde ser na modalidade, ou affecção dinamica do principio, que produzindo aqui elementos normaes, além pus, gordura, a quem produziu o cancro e o tuberculo. Em vista do que, e pelos trabalhos do maior anatomo-pathologista, com certeza se conclue que uma qualquer alteração organica é o effeito, o

resultado immediato d'uma perturbação funccional; e esta — consequencia da affecção do principio que dirige e regula a evolução dos phenomenos organicos. Pois bem; este principio, esta acção directriz é a vida, como diz M. Lithré.

Segundo Monneret, um grande facto corrobora a distincção necessaria entre a molestia e a lesão, e são as molestias que existem sem ella, como as *nevroses*; e, no entanto, não são estas menos caracterisadas, nem menos conhecidas. Além d'estas, continúa Monneret, conhecemos um grande numero de molestias, cujas alterações são bem determinadas, e, todavia, a anatomia pathologica e a zoochimica não poderam até hoje revelar-nos a sede do mal: assim *na chlorose, e no escorbuto*, se demonstra a alteração do sangue pela analyse chimica, sem que saibamos, por isso, em que parte do solido se passa a perturbação funccional primitiva. Igualmente é manifesta umas vezes a lesão do solido, outras do liquido, sem que se possa olhar uma e outra, como causa da molestia.

E n'outra parte diz elle: *En effet, malgré les deconverts modernes de la chimie, malgré la micrographie, le zèle et le talent des anatomopathologistes, il reste un grande nombre de maladies sans lesions, et parmi les maladies avec lesions et en est un plus grande nombre encore dans les quelles celle-ci ne doivent être considéré, que comme une partie tantot essentielle, tantot secondaire de l'affection.*

E, por ultimo, eis ahi a lei de pathologia que Monneret não duvida chamar-lhe *fundamental*: *nous ne connaissons pas une seule maladie avec alteration d'organe qui ne puisse être provoqué également sans alteration de l'organe, par le seule fait de la lesion de sa fonction et propriétés vitales.* Mais ainda accrescento eu: se a molestia está sómente na lesão, como explicar a transmissão das molestias hereditarias? Sabe-se que a lesão não se transmite; e não se transmittindo esta, e sim aquellas, onde está a molestia?

Conclusão

É certo, pois, que se não dá relação necessaria entre a molestia e a lesão; porque a lesão não é constante; e, afóra as molestias traumaticas, é sempre precedida d'uma perversão nutritiva, ou perturbação funccional; e esta tendo por origem a affecção ou modificação do

principio vital e mais que provado fica tambem, que ha um grande numero de molestias sem lesão. Remato, portanto, este artigo com a exacta expressão de M. Velpeau: *la veritable medicine ne part pas de l'anatomie pathologique, elle y arrive!*

III

Symptoma

M. Depuys define symptoma — todos os phenomenos que clinicamente caracterisam a molestia. N'aquelles, considerados em sua generalidade, não póde residir esta; porque, se o symptoma fosse a molestia inteira, devia elle apresentar uma evolução, sempre continua e a mesma em relação com a affecção do principio vital, ou com a lesão.

Ora o estudo e a analyse clinica mostram evidentemente que não é este o resultado da observação e da experiencia. Haja vista á pathologia inteira, na qual não se descobre *um facto só* que, pela sua generalidade, tenha uma importancia superior ao da periodicidade, que tantas vezes apresentam os phenomenos morbidos.

Assim se observa esta periodicidade nas affecções palustres, e mais ainda nas molestias que tem o caracter de nevrose, como a *hysteria*, a *epilepsia*, a *loucura*, em suas fórmulas variadas, e as *neuralgias*; e, igualmente n'aquellas molestias em que a alteração organica é evidente, e que mais affecta os solidos e liquidos da economia; e, não menos do que estas, as molestias do coração, as affecções agudas, e chronicas do figado, e a phtisica, offerecem um bom exemplar da mesma periodicidade.

Mais: todas as molestias chronicas em geral, tem, segundo Monneret, a fórmula remittente; ora, durante a intermissão, ou a molestia deixa de existir, ou o symptoma não está em relação, nem com a lesão, nem com a affecção do principio vital: mas a molestia subsiste, pois que reaparece; logo o symptoma não está em relação, nem com a lesão, nem com a affecção do principio vital.

Para o symptoma ser a expressão real e verdadeira da molestia,

devia elle caracterisar sempre certa molestia dada; mas quanta diversidade de symptomas, na mesma especie nosologica? A *intoxicação paludosa*, a *syphilis*, a *escrofula*, e tantas outras, rodeam-se sempre do mesmo apparato symptomatico? A *intoxicação saturnina* não dá lugar, umas vezes á *hypersthesia*, *analgesia*, *paralysia*, e outras ao *delirio*, *côma*, *convulsões*, e até á *loucura paralytica*?

Mais : se a molestia está no symptoma, claro fica que, não havendo este, não existe aquella : ora as diatheses, que atravessam uma geração inteira, sem se manifestarem, não serão molestias? A *diathese rheumatica*, *gotosa*, *cancerosa*, e a *tuberculosa*, não são molestias, senão acompanhadas da lesão local? As molestias *miasmaticas*, e *virulentas*, que são precedidas de um periodo de incubação, serão molestias sómente, quando se manifestam?

Mais ainda : se o symptoma fosse o unico padrão, por onde se podesse aferir a molestia, sendo este tão variavel em cada periodo da molestia, e até oppostos, forçosamente se haviam de crear tantas molestias, quantos os periodos do seu progresso; porque, n'este caso, tal symptomatologia, qual nosologia, o que é inadmissivel. Que seria da etiologia medica, se o symptoma fosse a molestia inteira, e n'elle só e exclusivamente residisse? A therapeutica, além de deficiente, tornava-se em um cahos; e o medico attendendo unicamente ao symptoma, jámais debellaria uma só molestia; porque, a ser assim, curado o symptoma, deveria ficar curada a molestia; mas infelizmente, todos os dias, vemos o contrario na *syphilis*, nos *dartos*, e outras molestias que, tratadas assim, desaparecem por momentos (quando isso se consegue), para reaparecerem mais tarde ou complicarem outros estados morbidos. É por isso que o systema homœopathico é insustentavel, por se fundar inteiro na symptomatologia.

No entanto se, como deixo dito, as mesmas molestias apresentam uma grande variedade de symptomatologia, tambem observamos alguma variedade de molestias na identidade de symptomas. Haja vista o que diz Monneret : *la nevrose du coeur ou du poumon peut simuler une lesion organique à tel point, que les methodes les plus rigoureuses d'observation ne pourront lever les doutes... Une phthisie pulmonaire peut être imitée complètement par une nevrose de l'appareil respiratoire... Qui ne sait qu'on a pu croire à une phthisie laryngée lors qu'il n'existait qu'une simple nevrose des nerfs laringés?*

E

Conclusão

Assim, por esta razão mais, é impossível encontrar a molestia a sua expressão inteira no symptoma, considerado em geral e em abstracto; já pela sua periodicidade, variedade, ausencia em certos casos, e commumidade em outros, e até por não ser elle só o indicador seguro da therapeutica.

Claro está, pois, que não encontrando a molestia a sua expressão inteira, nem na causa, considerada na sua maior generalidade, nem na lesão, nem no symptoma, forçoso é confessar que só e inicialmente assenta ella na affecção do principio vital.

ARTIGO TERCEIRO

NATUREZA MEDICATRIX

*Natura invenit sibi vias non ex cogitatione,
et in erudita existens facit quæ expediunt.*

HIPPOCR.

Esteio firmissimo da sciencia é a methodologia; porque de nada vale um confuso estendal de conhecimentos, sem nexos que os prenda, sem principio que os domine, e sem fim que os justifique. Mas que entre ahi a analyse, n'esse labyrintho escuro, e vereis como ella esmiunça, esmerilha; separa, ajuncta; liga, ata e aperta; adianta-se, progride; e pela inducção se ergue e alteia até ao principio generator, termo de seu esforço tenacissimo, e laboriosas indagações. Estará, assim, formada a sciencia? Findará alli a methodologia? Não. Força é que venha ahi tambem a synthese, e, descendendo d'aquelle principio generator, manso e de vagarinho, poise em cada degrau, meça cada distancia, reveja cada differença, reviste cada igualdade, e formule as consequencias praticas, tão rigorosas e firmes, como firme foi o seu descer, pausado e seguro. Logo, factos, principios e consequencias; inducção e deducção, são as bases em que se firma e os instrumentos de que se

serve a methodologia, padrão regulador da sciencia, ou, melhor ainda, formador d'ella.

E foi assim, como architectou a medicina o divino Hippocrates, quando a elevou ás honras de sciencia: analysou os factos, assentou o principio, e deduziu as consequencias.

Ha um facto de tal importancia que attrahe todos os genios, e interessa a todas as sciencias; é a vida: mas a vida na humanidade é o phenomeno mais grandioso, a manifestação mais esplendida, e tanto, quanto o homem está acima de todos os seres creados. A vida, porém, passa por duas vicissitudes ou decorre entre dous polos, o physiologico e o pathologico.

No estado physiologico, com a analyse rigorosa sobre os phenomenos vitaes, e sobre a impulsão ou organização, segundo Rostan, assentei o principio vital, como principio unico gerador, e mantenedor da vida. E porque? Porque a analyse caminha pela ordem da filiação, e por ella fui da impulsão á força que a produziu, do phenomeno á causa que o determinou.

No estado pathologico, vi, diante de mim, tres grandes factos; *causa, lesão e symptoma*. Decompuz a causa, analysei a externa, a interna ou somatica, e induzi a verdade rigorosa: que não era ella senão occasião, ou causa occasional.

Esmiuncei a lesão, achei-a um effeito, e não a vi constante. Observei o symptoma, e apresentou-se-me elle com uma grande periodicidade, remittente, variadissimo em molestias as mesmas, e commum em algumas diversas. Ora, na escala da inducção analytica, não vi mais que estes tres grandes factos, na etiologia medica; e, por cima d'elles, fulgurando-me potente o principio vital, affectado, empenhando-se, as mais das vezes, em restabelecer, reintegrar a normalidade pervertida, a natureza medicatrix. Tomei-a, pois, por artigo de minha fé em pathologia, como tinha sido já o meu credo em physiologia. E como é formosissima esta unidade, em todas as provincias da medicina! Cabe-me agora, pois, tractar da natureza medicatrix, objecto de todo este trabalho.

Quando attentamos na successão dos seres organizados e vivos, que povoam o globo, admiramos n'elles a lei dupla e invariavel da *destruição e reparação*. Pela geração perpetua-se o individuo e a especie,

e pela reacção da vida contra os agentes cosmicos, e até contra as causas somaticas, assegura-se a sua conservação e existencia.

Desde o oução que se arrasta na relva, até ao leão que sauda o sol no oriente; desde o vegetal, o mais microscopico, até ao mais elevado e luxurioso; e desde o animalculo o mais infimo na escala dos seres, até ao homem, rei de todos elles, encontra-se este duplo movimento da destruição e reparação, fatal, absoluto e imprescriptivel. No proprio individuo, quando as suas moleculas se destroem, ou se inutilisam, porque percorreram o cyclo da vida, para logo são substituidas por outras novas, que vem, de prompto, restaurar as perdas do organismo. Bem o dizia já Ovidio:

..... *Requie sine ulla*
Corpora vertuntur, nec quod facimus ve, sumus ve,
cras erimus.

Como é providente e vigilante a natureza! Providente, perpetuando a especie pela lei da procreação; vigilante, porque por este movimento de assimilação e desassimilação, restaura e conserva o individuo. É, pois, esta força conservadora da fôrma e das funcções normaes, a que igualmente se empenha em restabelecer a estrutura organica, tantas vezes alterada. Vêde, como se revela sua presença, a cada momento, por um trabalho dynamico e organico para eliminar qualquer virus, ou veneno, parte mortificada, ou corpo estranho; e ainda isolando o producto morbido das partes sãs que o cercam, reunindo e consolidando ossos fracturados, obliterando a arteria que se abriu, absorvendo os materiaes solidos, ou liquidos, na inflammação dos parenchymas, ou das serosas; limitando, pela petrificação, o crescimento de certos productos morbidos; e e vêde, emfim, como se revela a sua acção beneficente em todas as molestias organicas, quer seja pela cura completa, ou até por simples tentames, cujos vestigios enxergamos por meio da necropsia: assim encontraes o kysto na hemorragia cerebral, e tunicas e cicatrizes nos tuberculos, nos abscessos do figado, e nas cavernas da pthisica.

Não basta só o que fica enunciado; ha cabida para muitos factos mais, em que admiramos o trabalho conservador da natureza medicatrix.

Produzida, por certa impressão morbida, a phlegmasia obstrue os vasos dos tecidos; e logo no exsudato se fórma vascularidade nova que, facilitando a reabsorpção d'esta, traz de si a cura completa.

É, porém, mui abundante o exsudato inflammatorio, e não póde ser todo reabsorvido pela nova vascularidade; lá vem a liquefação do mesmo que se transforma em pus, o qual, mediante novo trabalho, caminha, através da profundidade dos tecidos, para a pelle, ou para alguma cavidade serosa.

Mais: engorgita-se o systema circulatorio; mas não faltam hemorrhagias supplementares que restauram o equilibrio. Vasos se obliteram; e logo acode a circulação collateral que, restabelece as funcções perturbadas. Estreitam-se os orificios das visceras ôcas; mas hypertrophiam-se as suas paredes, para assim lutar contra aquelles obstaculos. Muitos corpos estranhos apparecem no organismo, vindos de fóra, ou creados alli; mas uns d'elles enkystam-se, e outros são expulsos pela suppuração, que provém de uma phlegmasia superveniente.

Mais ainda: quem cura as feridas casuaes, ou feitas, com fim therapeutico, pelo medico operador? Será a limpha plastica, o tecido cicatricial; ou serão os emplastros agglutinativos, os balsamos aromaticos, e os unguentos excitantes? Quem cura e consolida uma fractura? Será o cirurgião? Não; que elle entrevém sómente para dirigir o trabalho da natureza, dando a conveniente posição ao membro fracturado, e collocando-o, segundo os ensinamentos da arte, em circumstancias favoraveis e apropriadas.

Não vemos nós os tumores fibrosos do utero encherem-se de concreções calcareas, que lhes sustam seu andamento, salvaguardando a existencia tão perturbada, como em risco? Dão-se phlegmões agudos na fôssa iliaca, no ovario, e annexos do utero; mas os seus contentos, caminhando para o exterior, lá se vasam na bexiga, ou nos intestinos, ou na pelle. E, geralmente, os tecidos divididos se restauram pela reproducção de outros similhantes, em virtude da lei de reparação, superiormente vital, medicatrix e conservadora, á qual rende tributo de vassallagem o proprio systema nervoso, fóco da vida.

É por esta mesma força, que partes completamente separadas do todo, e logo reapplicadas, se unem, e adherem, redintegrando-se assim a continuidade da estructura organica alterada.

A anatomia pathologica aponta numerosos exemplos, presenciados

por Fioraventi, Blingy, Hunter, Gosse, Beau e Houel, que já não é possível duvidar d'este facto e d'outro não menos notavel o dos — *Enxertos animaes!*

E será menos evidente a acção medicatrix e conservadora da natureza nas molestias internas, ou medicas, tão impropriamente assim chamadas? Não é, e senão vejamos.

As crises são um expediente de que tantas vezes se serve a natureza medicatrix para alcançar a cura das molestias. Quem não viu, diz *Monneret*, julgarem-se, em poucos dias, pelo apparecimento do fluxo menstrual, *metrites puerperaes intensas*, a *phlegmasia dos ligamentos largos e do ovario e a erysipela da face?* e, pela epitaxes a *febre inflammatoria*, a *febre ephemera*, a *pneumonia* e emfim a *plethora*, typo das affecções, que podem ser julgadas por esta hemorrhagia?

A febre é um dos meios mais potentes, que a natureza emprega na cura de certas molestias. As suppurações eliminadoras, as erupções, as hemorrhagias, as diarrheas, e as expectorações estabelecem-se por virtude de acção medicatrix.

A erysipela é tambem, algumas vezes, meio therapeutico em certas molestias internas. Assim o diz M. Louis Barre, professor aggregado da faculdade medica de Montpellier: *Je ne puis résister au plaisir de citer un fait qui prouve l'heureuse influence qui peut exercer un erysipele sur la termination des maladies internes. Ce fait a eu lieu á Saint-Eloi. Le nommé Récipion presentait tous les signes d'une meningite avec epanchement. Sa maladie avait résisté á toute sorte de moyens, et il semblait voue á une mort certaine, lors qu'on vit paraître á la face un erysipele qui envaihit cette region et tout le cuir chevelu, et y determina une tumefaction énorme! Des ce moment, tous les symptomes cérébraux disparurent; l'exantheme parcourut rapidement et regulierement toutes ses periodes, et dix jours après son apparition le malade etait en pleine convalescence* ¹!

Na propria gangrena se vê tambem a acção medicatrix da natureza; pois, em tal caso, ella estabelece uma reacção eliminadora para libertar-se da parte modificada, apontando ao cirurgião, por meio do circulo eliminador, o ponto da operação, se tanto é mister e necessa-

¹ Auber, Traité de la science medic. pag. 527.

rio. Nos archivos da sciencia tambem nos apparece a cura do cancro, e da invaginação intestinal de tres cylindros, por meio da gangrena; assim como por ella foram curados individuos tuberculosos, ficando reduzidos a um só pulmão!!!

Quem poderá, em presença de tantos factos, authenticos e bem observados, negar a influencia da natureza medicatrix na cura das molestias? Ninguem; e é, por isso, que a arte e a sciencia medica fundamentam-se sobre este facto-principio — *sola natura medicatrix*; principio que será eternamente verdadeiro; porque é a expressão rigorosa e genuina dos factos pathologicos.

Logo o medico não é prestante, util, nem habil, se não sabe dirigir as forças admiraveis da natureza, segundo as condições e acontecimentos relativos ao doente e á molestia; pois que elle não é mais que seu ministro e interprete: *quo natura vergit, eo ducendum*: é um dogma de fé em medicina.

Assim o professaram os maiores genios, e Sydenham nos diz: *Hoc potissimum incumbit medico ut naturæ conatus effrenes coerceat, languidos excitet, inordinatos dirigat*. E mais adiante: *morbis nihil aliud est quam naturæ conamen materiæ morbificæ extreminationem in ægris salutem omni ope molientis*.

Vêde o que diz tambem o grande Zimmermann: a natureza, sempre attenta em conservar as suas produções, parece, algumas vezes, fazer esforços singulares, e achar em si mesma recursos, os quaes, nem o regimen, nem a mão do homem, poderiam encontrar.

Hufeland diz algures: *desde a febre inflammatoria a mais ligeira, até á febre putrida; desde as suppressões, até aos fluxos; desde as lesões puramente dynamicas, até ás dyscrasias humoraes, não ha uma molestia unica, a qual não tenha sido curada só pela natureza*. E para não ser fastidioso com mais citações, em favor da natureza medicatrix, permitta-se-me concluir com D. Savignac: *que des maladies parfaitement confirmées, abandonnées à elles-memes, se dissipent sans le secours des agents therapeutiques. On voit meme des maladies soumises aux traitements les plus irrationnels, et qui ne s'en terminent pas moins par la guérison*: e com A. Paré: *Je le pansay, dieu le guarit*.

Basta.

A natureza medicatrix é, pois, um dogma em therapeutica, como é a mais beneficente lei da natureza, o mais precioso dom do Creador, força superiormente restauradora e conservadora, a qual abrange os dous polos da vida — *a saude e a doença!*

Não a reverenceiem, se quizerem ; que eu por mim adoro-a com todo o fervor de verdadeiro crente!

FIM

F

PROPOSIÇÕES

1.^a

Anatomia. — O figado é uma glandula dupla.

2.^a

Physiologia. — A nutrição é um acto, e não uma função.

3.^a

Materia medica. — Os preparados ferruginosos insolueis não devem ser administrados em jejum.

4.^a

Pathologia externa. — Ha molestias venereas e molestias syphiliticas.

5.^a

Medicina operatoria. — A febre traumatica nem sempre apresenta a mesma physionomia.

6.^a

Partos. — Os vomitos incoerciveis authorisam o abortamento cirurgico.

7.^a

Pathologia interna. — As flores de enxofre por lavar são, entre os meios medicos, o melhor medicamento contra o crup.

8.^a

Anatomia pathologica. — A leucocytose pathologica é devida a uma irritação morbida dos ganglios lymphaticos.

9.^a

Hygiene. — A prostituição é anti-hygienica, anti-social e anti-moral.

Vista e approvada.
Porto 15 de junho de 1868.
A. F. Macedo Pinto.

Póde imprimir-se.
Dr. Assis,
Director.